

ECOS D'ÁFRICA

O garoto da rua é um grave problema social

SE o garoto vadio, pelas ruas das cidades a vagarear, é um problema muito sério, com a mesma gravidade se apresenta o problema das filhas da rua, sem eira nem beira. Se não houver quem lhes dê a mão agora, fica uma geração de mulheres africanas a lançar filhos para a rua. É uma consequência da guerra e não só. Um problema social muito grave para Angola. O mesmo se diga para Moçambique.

No tempo em que a ideologia marxista-leninista deu forma ao governo destes povos, nada se pôde fazer. O Estado era mero executor das ideias dum senhor absoluto que não fazia nem deixava fazer. Surgiu o caos social: uma geração de crianças, rapazes e raparigas, nascida na guerra, criada na guerra e educada na «candonga». É impressionante!

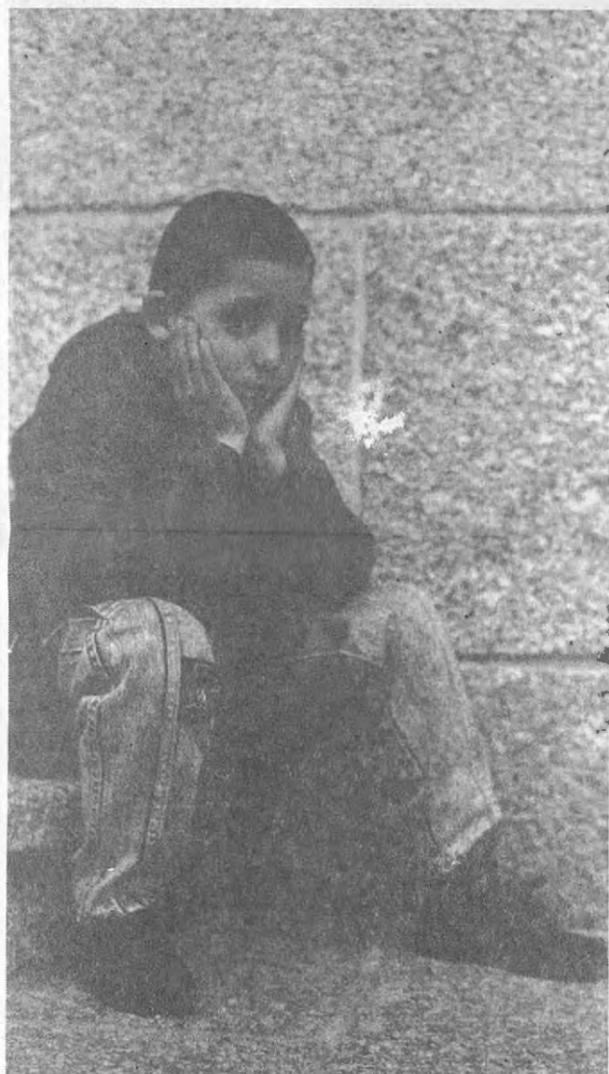
Ao voltar de Angola, para preparar o regresso definitivo da Obra da Rua ao seio daquele povo, estava consumido pela situação degradada e degradante quer dos garotos quer das meninas, quantas vezes irmãs de sangue daqueles. Se para os rapazes as Casas do Gaiato são uma ajuda, que fazer para as meninas? É que Angola, nesta hora, não tem nada. Mesmo nada! A tradição ligada a algu-

mas instituições particulares para este campo social foi quebrada por dezasseis anos de regime totalitário. As pessoas devotadas a esse serviço ou saíram de Angola ou enveredaram por outros caminhos, sentindo-se desfasadas da realidade nova que agora se apresenta. É necessário acender de novo a fogueira. Quem vai? Já bati a algumas portas. Mais outras estão físgadas. Não queremos o peso dum silêncio comprometedor. Por isso falo e proponho, unicamente por amor daquela gente. O ar novo é sempre saudável. Não falta o espaço humano, nem o lugar concreto com sua estrutura física para esta acção junto das filhas da rua. Quem levanta o dedo? Depois, onde está tudo por fazer, não faltarão caminhos a apontar novas tarefas. Apenas um coração grande e uma cabeça equilibrada são necessários.

À hora em que escrevo cumpriu-se o que estava anunciado. Padre Telmo e o Júlio da Silva, por companheiro, partiram no dia 12 para Malanje. De início, tendo como pano de fundo apenas a beleza da Aldeia, vão ocupar-se em tapar os buracos das portas e janelas, de modo a poderem lá viver e recolher um pequenino grupo de garotos.

Vão-nos chegando ecos do acontecimento, entretanto. Sabe-nos tão bem o testemunho deste padre!: «Aqui vão quinhentos contos para as vossas obras de África. É preciso muita coragem! E saúde!...» Retribuímos o abraço que nos manda e pedimos que continue a ser padre cem por cento. Não revelamos, no geral, as quantias, mas as mensagens que as acompanham, todas elas marcadas pela nota de muito interesse e carinho. Quão felizes nos sentimos por sermos a ocasião para sanar as feridas que muita gente trouxe de África a quando da Independência daqueles povos: «Voltei em Dezembro de 1974, ao meu querido Algarve, com mágoa e só com as roupas, depois de ter estado em Moçambique. É com o maior gosto que envio este cheque, metade para apoio do hercúleo esforço em Moçambique e metade para idêntico esforço em Angola». Mais: «Pela vossa Obra em Moçambique vos saúdo com um carinho muito especial. Foi pátria de muitos portugueses como eu e, hoje, devemos todos unidos ajudar aquela terra a ter, de novo, o sorriso e a alegria que ali aprendemos a partilhar».

Continua na página 4



É o Carlitos, de Vila Nova de Gaia.

Trabalho de Menores

ACUSO

A quinzena passada, a propósito dos valores da Família, citávamos este pensamento do Papa Paulo VI: «O trabalho não pode ser um fim em si mesmo e a sua liberdade e dignidade se fundamentam não só em valores económicos, mas também em realidades que o orientam para um fim mais nobre».

Relativamente ao trabalho dos menores esta afirmação redobra de importância porquanto, neste tempo da vida do homem, tudo deve dirigir-se à formação do homem adulto, capaz de assumir a maioridade no que diz respeito à sua independência e ao desempenho das suas obrigações de cidadão válido. E nesta formação, a disciplina do trabalho é insubstituível, sabido, como é, que «a ociosidade é mãe de todos os vícios». Assim, neste tempo da vida do homem, a componente económica do trabalho deve ser reduzida ao mínimo, senão mesmo desaparecer, para que em todo o trabalho útil em que o menor se exercita, apareça em plena luz a sua finalidade didáctica. O sentido da gratuidade é uma aquisição importante para o homem em formação; como será um valor precioso a qualificar o homem adulto.

A Escola será, neste tempo, uma ocupação principal, até ao limite possível a cada um, conforme à sua própria capacidade, ao menos

até ao nível da escolaridade obrigatória que a lei preceitua, salvo deficiência intelectual que tal impeça. Neste caso será preferível uma aprendizagem profissional que habilite o menor à sua futura independência e à sua condição de sã cidadania. Mas ainda durante este período, que se não ceda à tentação de pôr a tónica no preço do trabalho que o aprendiz já presta, mesmo que a formação profissional se faça — como a experiência demonstra mais eficiente — em centro de produção, que proporciona um ambiente mais real do que a escola, sem menosprezo de uma boa «Escola de Artes e Ofícios» que, infelizmente, rareia.

Questão polémica

Ora o que torna o trabalho dos menores uma questão polémica, frequentemente vista na Comunicação Social, é a sua desfasada valorização económica, uma antecipada pretensão de lucro à custa desse trabalho, que se traduz em exploração dos menores no interesse do empregador — o que quase sempre se empola — e no de quem oferece o empregado com uma intenção igualmente exploratória — o que não pode esquecer-se nem deve omitir-se.

Continua na página 2

ENCONTROS

EM LISBOA

Já o silêncio reinava em toda a Casa quando me detive a rever este dia 12 de Janeiro. Muita vida aconteceu e, aparentemente, tudo foi tranquilo. Nesta tranquilidade e nesta paz, Deus esteve presente.

A comunidade de Arroios

- Veio até nós a paróquia de Arroios com o Pároco à frente. Durante o Advento, toda a comunidade se mobilizou para angariar fundos destinados à nossa Casa de Moçambique. Foi a campanha das portas e janelas. A generosidade, a dedicação, o amor, o carinho, a preocupação com os irmãos distantes, foi uma constante nesta campanha. Podiam ter pegado no que conseguiram e mandado, sem mais. Não fizeram assim. Vieram passar um dia à Casa do Gaiato. Celebraram connosco. Mons. Freitas dirigiu-nos a palavra e falou dos compromissos decorrentes do Baptismo. Informaram-se sobre a realidade do povo sofredor de Moçambique, a fim de se sentirem mais solidários. No ofertório da Missa, depositaram sobre o altar o produto das suas renúncias. Ultrapassou os quatro mil contos. Padre José Maria poderá sentir aqui a solidariedade e sonhar um pouco mais. Neste encontro foi também afirmado: «As obras de Deus não se realizam só com dinheiro. São precisas vidas que se entreguem,

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

GRANDE INVALIDEZ — Sempre que os(as) Pobres tenham direito a subsídio de grande invalidez (pequeno complemento que vale a pena), avançamos com o processo para o Centro Regional de Segurança Social.

Estas andanças têm burocracia e fiscalização próprias.

Por isso, responsáveis pelo requerido, somos pessoalmente abordados pelos funcionários. Na última vez, trocámos com eles impressões sobre problemas sociais, os mais diversos, pois é gente que lida com muita gente — com muitos Pobres. Vão à casa do doente. Colhem dados. Avaliam. Gostamos de os ouvir. Gostamos de saber. Intercâmbio entre escribas e voluntários!

PARTILHA — Minde, assinante 14708, cinco notas de mil. Assinante 42971, de Ovar, habitual partilha «pelos Pobres mais necessitados e envergonhados a cargo da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». O costume, da «Avó de Sintra», e um lamento: «Deus tenha dó de mim e me deixe escrever-vos até final. Já não vejo quase nada...» Amor aos Pobres!

Assinante 25637, de Vila Nova de Gaia, aqui está, «como sempre, nesta altura», com «um diminuto contributo para a Conferência (vinte mil escudos), sendo aplicado como quiserem e entenderem». Caridade cristã!

Outro cheque, da assinante 31881, de Vila do Espinhal. Mais outro, para O GAIATO, da assinante 11531, de Mem Martins, cujo remanescente destina «às necessidades dum Pobre ou doente mais carenciado». Vem lá, agora, o nosso Licínio (está em Paris) com presença amiga. Retribuímos o abraço para todos os teus. E, por fim, «Eu-e-Ela» com «humilde partilha para os vossos e nossos Pobres, pedindo uma oração pela saúde da minha mulher».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

NOVO ANO — Com o novo ano começou mais um período escolar, muito decisivo para os estudantes. Quem não se agarra agora aos livros e às aulas pode no fim do ano ficar para trás.

Em nossa Casa praticamente todos estão matriculados. Vinte em Coimbra. Quatro professores e quatro salas de instrução primária. E sete têm aulas, à noite, em Miranda do Corvo.

Que todos aproveitem bem são os nossos votos.

AZEITE — Foi o trabalho agrícola das últimas semanas. Colher a azeitona e levá-la para o lagar e depois deitar o azeite nas pias. Tivemos meia colheita: mil e poucos litros. É todo ele muito fino e nós gostamos de batatas bem temperadas com o nosso azeite. Todos temos muita

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

alegria em apanhar azeitona e os nossos «Batatinhas» vibram a contar as latas que vão colhendo. Foi um bom trabalho para as férias soalheiras de Natal.

OBRAS — As da nossa Casa maior estão a acabar. Foi construída há 43 anos e estava a precisar. Há mais de um ano que andamos nestas obras. Por dentro, toda remexida e o telhado foi novo.

Eram três homens a assentar e polir tacos. Era João pintor com Zé Emílio a lixar e a pintar portas e janelas. Era o António pedreiro com o filho e serventes a colocar azulejos nas paredes e ladrilho no chão. Era o João com Zé Miguel a fazer canalizações e assentar as louças sanitárias. Era o Tonito a colocar interruptores e tomadas, lâmpadas e fios eléctricos. Era o Bandarra e carpinteiros a fazer portas e janelas e guarnições. Eram alguns parados só a ver trabalhar. Foi uma semana de muito trabalho! Esperamos ir habitar a casa no fim desta semana e depois começarem as obras na casa-mãe, construída em 1920 e muito necessitada.

Um cronista

TOJAL

INAUGURAÇÃO DA CAPELA — Começámos com a Missa, presidida pelo Senhor D. José Policarpo e pelos Padres da nossa Obra, com grande assistência. Foi uma cerimónia muito bonita. Todos os presentes podem afirmar e os que não estiveram foram lembrados. Um dia bastante agitado! Muitos chegaram na véspera da festa e o serviço teve que ser feito com mais apuro, da cozinha ao ensino dos cânticos, as partes mais difíceis, mas tudo correu bem. As pessoas estavam admiradas com o nosso trabalho, mas sem ele nada é possível. A todos que contribuíram para que a festa se pudesse realizar, aqui fica o nosso muito obrigado.

ELEIÇÕES — No dia 5 realizámos a eleição do chefe-maioral, pois o «Manica» já nos chefiava há dois anos. Presentes, 49 eleitores. Para chefe, poucas alternativas havia. Os estudantes a tempo inteiro não poderiam exercer o cargo, pois durante a época escolar passam cá dentro pouco tempo. Temos agora como chefe-maioral o Manuel Zé. Sé há missão difícil em nossas Casas, esta é uma delas. Todos vamos dar-lhe o apoio possível.

Luís Miguel Fontes

EXPEDIÇÃO D'O GAIATO — Ultimamente a «citograf» (máquina de endereçar) teve muitas avarias, o que fez atrasar a expedição do jornal. É uma máquina antiquíssima e os assinantes têm aumentado loucamente. Hoje endereça mais de 50 mil jornais!

ESCOLA — Começou o 2º período escolar e os rapazes da nossa Casa do Gaiato precisam de estudar com muito esforço e vontade. Alguns não tiveram sucesso no período anterior, por não ligarem a estas regras que referi; esperamos que estudem e aprendam a matéria apresentada pelos seus professores para transitarem de ano.

CATEQUESE — Começou também o 2º período da Catequese e os rapazes desenvolverão o conhecimento da vida religiosa. Que tenham entrado com o pé direito neste campo da vida.

DESPORTO — O futebol é a modalidade mais praticada na nossa Aldeia, apesar de haver outras: atletismo, karaté, etc... Por isso, vou falar de futebol. Devido à falta de «vedetas», nos treinos, temos tido maus resultados. No dia 5 defrontámos o plantel do Futebol Clube de Cête, que ocupa o 1º lugar da 3ª divisão regional. Claro que se destacaram algumas figuras nossas como, por exemplo, o Edson que gostaria de ser um grande jogador de futebol. É o seu sonho.

Paulo Alexandre («Rambo»)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Em vésperas de Natal juntámo-nos com os Pobres que visitamos para, como de costume, convivermos todos juntos.

Damo-nos por felizes, porque no ano passado conseguimos resolver muitos problemas materiais que os afligiam a eles e a nós; e digo materiais, pois se essas aflições que eles passam não forem ultrapassadas não lhes conseguiremos transmitir a nossa mensagem espiritual. Agradecemos a todos vós, que tanto nos tendes ajudado, especialmente com palavras amigas de incentivo à nossa caminhada, muitas vezes em horas de desânimo e são para nós como de pão para a boca.

Aliás, muitos amigos há, tão assíduos na ajuda espiritual, que se ela não chega sentimos a falta. Temos a consciência de que sem o vosso apoio nada conseguiríamos fazer, visto sermos uns simples recoveiros do Senhor, nosso Pai do Céu, que

ao colocarmos na mão do Pobre uma pequena ajuda, a vossa mão também se junta à do vicentino.

Esta união faz da Conferência de S. Francisco de Assis uma grande família, graças a Deus cada vez maior.

Donativos que nos chegam: De Távira, 5.000\$00. Assinante 12671, 10.000\$00. M. Etelvina, 5.000\$00. Júlia, 20.000\$. Anónimo, 1.500\$00. Almeida d'Eça, 10.000\$00. Maria Bernardete, 10.000\$00. Marília, 10.000\$00 para Moçambique e 5.000\$00 para nós. Cândida, 7.500\$00. M. M., sempre presente com 2.000\$00 para a renda e 2.000\$00 para uma pobre mãe visitar o filho na cadeia. Já agora aproveitava para agradecer a todos quantos foram sensíveis a este problema. Uma amiga, de Lourosa, pede anonimato e manda 50.000\$00. Da Holanda, 10.000\$00. Assinante 3119, 20.000\$00 e pede orações pelos seus filhos. Anónimo, 5.000\$00. J. R. D., 10.000\$00. Um cobertor feito à mão, digno de exposição. Por último, dois pacotes de roupa pelo correio. A todos o nosso muito obrigado.

Uma vicentina

Continuação da página 1

ACUSO

Nunca somos indiferentes às vidas que passaram por nossas mãos

Passado um mês procurei no Tribunal saber notícias dele. Nada.

Começado o presente ano lectivo, sem que o Luís aparecesse para frequentar o 1º ano do Ciclo Preparatório a que os seus 13 anos obrigavam, nem nos tivesse chegado qualquer pedido de transferência de matrícula; e depositários de uma medida de entrega definitiva do menor à nossa guarda — escrevemos uma vez mais ao Tribunal de Menores para saber da situação do pequeno. Em resposta datada de 14/11/91 foi-nos comunicado pelo Tribunal de Menores apenas isto: «É dada por finda a medida de entrega do menor à Instituição».

Se a Instituição fosse uma casa de processos, arquivava-se e pronto! Mas não, é uma casa de vivos e nunca — nem que pareça! — somos indiferentes às vidas que nos passaram pelas mãos.

Pusemo-nos em campo e tentámos saber. O Luís, que fez 14 anos na véspera de Natal, anda em Estarreja, numa carrinha que distribui peixe, creio que com o homem que vive com a mãe.

Se a notícia não é exacta, pelo menos constitui uma pista. A Autoridade Tutelar de Menores que se meta ao caminho e investigue e proceda.

Este é o trabalho de Menores que infringe a lei e, mais do que isso, o Direito deles que é sagrado e à lei cumpre defender.

Padre Carlos

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Desta exploração, que ao longo dos anos tantas vezes nos tem ferido, somos nós velhas testemunhas: a família que não tinha capacidade para cuidar do menino enquanto pequenino, na adolescência dele, sem que ela mesma tenha mudado de condição, achando-o apto para granjear, vem por ele à nossa Casa com evidente atropelo do seu futuro, porque «tenho trabalho para ele e a escola não é precisa para nada». Assim se justificou, depois de o ter levado à socapa, o pai do «Repolho», quando, no meio do ano lectivo passado o veio buscar para o pôr de moço num café. E ontem à tardinha, decerto com a mesma lógica, veio pelo mais novo, o «Trofa», que estava frequentando com aproveitamento o 2º ano do Ciclo Preparatório e nos parecia firme na resolução de se não deixar levar... e afinal deixou!

Escrevo esta nota sangrando de fresco por este acontecimento, mas já tencionava escrevê-la motivado por um caso ainda mais grave pela cumplicidade nele de quem está para cumprir a lei e defender os menores.

Caso ainda mais grave

O Luís veio de Lordelo do Ouro, aos sete anos, de casa dos avós maternos, habitada «por estes, uma filha demente e dois netos que lhes ficaram entregues em virtude da mãe os ter abandonado». O pai, esse já os tinha abandonado há mais tempo e vivia com outra mulher na Afurada. Ainda assim, na data em que o pequeno veio, o pai foi contactado e assinou declaração do seu consentimento à «entrega do seu filho à Casa do Gaiato». A mãe desaparecera... — constava que para Estarreja. E durante os anos que o Luís esteve connosco, nunca cá vimos os pais, apenas os avós.

Entretanto, em 5 de Maio de 1989 (estava o Luís con-

nosco quase há quatro anos), a Junta de Freguesia de Lordelo do Ouro pede ao Tribunal dos Menores que «accione as medidas legais e adequadas de forma que sejam salvaguardados os direitos e os interesses do menor» porque «agora os avós querem que o menor abandone a Casa do Gaiato e que comece a trabalhar para aumentar o rendimento do agregado familiar», o que à Junta aparecia como «pôr fortemente em risco o futuro do menor, visto que as condições familiares, económicas e sociais que levaram ao seu internamento subsistem e, porventura, até de forma agravada». Em 6/Julho seguinte o Tribunal de Menores notificava-nos de que «fora decretada a medida de entrega provisória do menor a essa Instituição», medida que foi passada a «entrega definitiva» em 28/Novembro/90.

Ao aproximar-se o fim do ano lectivo passado, corria voz cá por casa de que o Luís, mal acabasse a 4ª classe, iria embora. Também por esse tempo lhe notávamos atitudes a soar um pouco a falso, ele que sempre tivera um comportamento bom e transparente e se revelava mesmo responsável para além do que era de esperar da sua idade. E pensando que tal diferença se poderia explicar por influência da família e que a voz corrente por aí talvez tivesse fundamento, em ida ao Tribunal de Menores em 6/Junho/91, prevenimos do que se passava. Em 28 de Junho terminou o ano escolar e o Luís completou a 4ª classe. No domingo, 30, no princípio da tarde, ele desapareceu. Segunda-feira de manhã telefonei ao Tribunal, participando o acontecimento e no mesmo dia confirmei por escrito, «pedindo rápidas medidas que defendam o Luís da desorientação que, naturalmente, a situação lhe pode provocar».

MOÇAMBIQUE

Vida atarefada

A nossa vida tem sido tão atarefada que não lembra a obrigação de partilhar com os nossos leitores a vida que levamos. Estamos a saber como as notícias são saboreadas, pela importância que os jornais, aí, dão à guerra e à situação miserável em que se encontra o povo.

Pior que a situação económica é ainda a psicológica. O povo toma atitudes que já não se pode dizer impensadas, porque fazem parte do modo de sobreviver. O roubo, a violência, a mentira, a inapetência para o trabalho quando por conta de outrem, surgem quando e de quem menos se espera. O próprio jeito de fazer o bem, de levar um auxílio de estímulo a quem precisa de começar a trabalhar, nos tem dado experiências bem tristes, e, se não fosse o nosso espírito de servir, servindo a Deus, bem desanimadoras.

O esforço da Irmã Quitéria em pôr os homens da aldeia a trabalhar, lançando as micro-empresas, em que eles próprios fazem a sua oficina, ia caindo por terra. E já temos a de sapateiro com cinto; a de oleiro vai levar agora; a de costura e artesanato, bem maior, vai levantar-se dos alicerces, já fora da terra; a da padaria, está marcada; a de carpintaria funciona entre quatro estacas e um tódo de plástico; a de blocos de cimento trabalha com produção de quase mil por semana, a todo o vapor, portanto. Pois tudo isto ia ficando por terra. Chegou alguém que, dizendo-se dono do terreno, meteu tractor, derrubou a instalação provisória da carpintaria, plantou árvores e disse: «Isto é meu». Foi-se à administração de Boane, doadora do terreno, e não está de todo resolvido o *milando*. Nessa vamos confiar.

Os nossos trabalhadores de Massaca entraram em marcha lenta, ao verem a casa prestes a acabar. Toda a semana há gente que falta, que vem tarde, que vem bêbada e há ferramenta que continua a desaparecer e fica arrumada desordenadamente, de propósito. As sementes para o seu próprio benefício que tínhamos guardadas, para iniciar a horticultura, foram abundantemente roubadas. Dois operá-

rios pediram para ir levantar nova casa, porque a que tinham foi queimada de noite, ficando sem nada. Roubam cabras e cabritos uns aos outros. Muitos assaltos à mão armada, atribuídos à guerrilha pela informação, são realmente de bandidos armados. Por vezes a população, já saturada, resolve enfrentá-los e consegue prendê-los, fazendo justiça por suas próprias mãos. Foi notório o caso dos chamados «NINJAS» que o povo justiciou regando com gasolina, prendendo dentro de um pneu, e chegando fogo. É desespero.

Mas o povo espera contra a toda a esperança, sobretudo o do campo. É maravilhoso vê-los após cada pequena chuva, a semear. O milho que cresceu estiolou por insuficiência de água. A cada chuva, mesmo de minutos apenas, logo seguida de vento e calor de 30 graus, corresponde nova sementeira. Nós, que usamos a técnica e o adubo, tínhamos esperança em comprar moto-bomba para aproveitar um poço artesiano, existente na fazenda, único recurso para salvar os 30 ha de sementeira; estamos na mesma, com o milho nascido já perdido e sem forças e esperança para fazer como o povo. E esperando um motor que há-de vir...

Aguardamos que os planos integrados do Governo tragam água à nossa fazenda para nova sementeira, que em qualquer época do ano é possível, mas impossível sem água. Todos os sábados e domingos, nas duas comunidades cristãs, se pede a Deus a bênção da chuva, tão necessária como a Paz. Insegurança e fome são os maiores tormentos. Mesmo sem guerra, mas com fome, continuará a insegurança.

Notícia pitoresca

Agora uma notícia pitoresca, mas saborosa: Estava a Irmã dando aula aos doze que temos, na única sala com tecto que há na fazenda. De repente passa um camião com soldados, seguido de um tanque de guerra. Os soldados saltam e tomam posições apressadas envolvendo as instalações. O tanque gira.

Os rapazes ficam alarmados. A Irmã, estarecada, manda todos recolher os cadernos e descer a correr para o tractor, de apagador do quadro, na mão; os rapazes todos agachados no atrelado. Entram três carros e saem pessoas sorridentes. É o Presidente Chissano com a sua comitiva. Foi um sossego grande. Quis inteirar-se da nossa situação. Perguntou por que não estávamos morando ali, embora a razão estivesse à vista de prova provada no aparato militar. Quis saber dos nossos problemas, das culturas, e aí chegou o Jaime com quem conversou largamente sobre o terreno, a falta de água que é vital para a nossa sobrevivência, os sistemas de rega que fomos adoptar, enfim como qualquer agricultor que também descamba em conversa com o vizinho, homem da terra. Convidou os rapazes para uma pelada, à noite, no campo das instalações da barragem onde vivemos; não deixou de comparecer. Só retirou quando a Irmã foi chamar os meninos para dormir, não advertindo que ele estava no meio deles. Depois, desceu à Massaca onde me encontrou, no fim de uma tarde de trabalho na canalização da casa. Inteirou-se da construção, dos custos dos materiais, das janelas e portas e confidenciou o seu interesse em ajudar a sua aldeia a fazer uma escola mais digna para as suas crianças. Ouviu os nossos projectos de horticultura com o povo. Falou da necessidade de trazer a conduta de água pela nossa fazenda e ouviu ainda, com interesse, falar das micro-empresas que estamos desenvolvendo com o povo.

Após o que foi até ao mercado local, onde logo se juntou pequena multidão de adultos e crianças com quem dialogou. Viu o amendoim, as lentilhas que o deixaram admirado por estarem ali à venda, as embalagens de 5c.c. de óleo expostas; contou os montes de amendoim, perguntou preços e despediu-se de todos. E não ouviu reclamação de ninguém. O povo encantou-se pela simplicidade, a aproximação, e esqueceu que estava de barriga vazia. Veio-me ao pensamento o que há poucos dias lhe ouvi e disse n' O GAIATO:

«O povo não reclama. Quem reclama é quem está bem e quer mais». Sim, o povo tem tão pouco que o pouco lhe parece muito. Bastou um sorriso, uma fala com interesse para tudo esquecer. Mas como poderá ser sempre assim?!

Padre José Maria

CANTINHO DAS SENHORAS

A certeza do amor de Deus

Chegando a Moçambique, vendo a miséria em que se encontra este povo, ficámos todos apavorados e começámos a trabalhar. Nos primeiros dias fomos à nossa fazenda; todos queríamos encontrar um jeito para se iniciar o trabalho. Às vezes, quando alguém me questionava acerca da segurança, pensava comigo: — Se Deus é por nós, quem será contra nós? Os dias foram passando, cada dia mais uma volta à fazenda à procura de descobrir o que é possível fazer. O Padre José Maria e o Jaime, esses não se cansam de ir e lá demorar, olhar de perto a tudo. Hoje, apresentam-nos um mapa com 34 minas, algumas bazucas, morteiros por explodir que ali existem e podiam já ter-nos tirado a vida. Por várias vezes o Padre José Maria e Jaime passaram muito próximo a áreas minadas, sem saber. Só Deus é a explicação para tamanho milagre. Resta, agora, ouvir o barulho dos explosivos e agradecer a Deus o estarmos firmes na missão por Ele confiada.

Em Janeiro, as machambas todas plantadas, e chuva nada... Mesmo assim as mães estão a schar e semear, a esperança é a última que morre. Como seria bom que Deus olhasse para essa gente e mandasse muita chuva. Os nossos gaiatos todos os dias rezam, pedindo-a, e quando o tempo começa a mudar dizem logo: «Nós rezamos pedindo chuva». Que Deus atenda o nosso pedido.

Daqui a quinze dias vamos ter uma casa. Lá todos os nossos gaiatos vão poder ter sua cama. Até agora dormem na esteira, por falta de espaço, mas têm a certeza de um lugar garantido no nosso coração. Alguns que dormiam em

Encontros

EM LISBOA

Continuação da página 1

se dêem. Deus é Amor e o amor é dom de Vida».

Disseram-me que a maior mobilização se deu entre os jovens e na Catequese. Aprender a dar com amor e carinho é pedagógico para o dar-se. Que nesta paróquia surjam vocações para o serviço dos irmãos mais pobres. Deus nos oiça!

África precisa de nós

• Neste dia 12, Padre Telmo, com o pequeno grupo que o acompanha, voou para Malanje — Angola. Esteve presente na nossa oração. Na véspera da partida, à despedida, disse-me: «Estou muito preocupado e apreensivo com a situação, do ponto de vista da segurança. Sinto que é pior do que no tempo da guerra. É preciso irmos. Aquela gente precisa de nós». Espero que nada lhes falte do que pudermos fazer por eles.

Alguém me perguntou, hoje: «Então, e como é que vocês se vão haver por cá com estes homens a partir?» De repente, olhei para a nossa pobreza, para as dificuldades dos que ficam. Lembrei a frase de Padre Telmo, dita com tanto amor e repassada do sofrimento do povo que habita o seu coração. Só me ocorreu responder: — Cá nos havemos de arranjar. Aquela gente precisa de nós.

depósitos do lixo, debaixo dos bancos, calçadas do Scala, paragens de ônibus, encontram o melhor lugar debaixo da mesa, sofá ou cama. À noite vale a pena olhar cada um e imaginar como viviam e como estão a viver hoje. São crianças felizes. Da rua só se lembram quando às vezes conversamos. Da família nunca falamos porque nunca a tiveram.

Quitéria Torres

Sonhei ver a Igreja mais dos pobres e com os pobres

• Hoje veio também um grupo de reflexão de uma paróquia vizinha. São vários os grupos que vêm assim. Pedem uma sala emprestada e passam o dia em oração, em convívio e em estudo da Palavra de Deus. É um pequenito serviço que prestamos às igrejas locais. O «Pingo Doce», que tem 9 anos, veio anunciar a chegada do grupo e, ao mesmo tempo, pergunta: «É preciso ir arranjar a sala para eles?» Fiquei a contemplar. Ele não se apercebeu da grandeza do seu gesto. Recolhi no coração. O Evangelho estava ali. O garoto da rua, o pobre, queria servir. Sonhei ver a Igreja mais dos pobres e com os pobres. Quantas lições eles nos dariam!

Os nossos rapazes

• Depois do jantar, o Luís Filipe e o Rui Gomes vieram despedir-se. Amanhã, logo cedinho, partem para a tropa. Dois vão para Beja e um dirige-se a Viseu. Estão homens feitos, segundo se diz. Alegrei-me pelo crescimento deles; no entanto, ao vê-los afastarem-se mesmo só por uns tempos, senti a sua falta. São da Obra da Rua há muito tempo. O Luís Miguel veio ainda não tinha dois anos. D. Helena fala-me dele como do seu menino e confidencia os trabalhos de amor que teve para o criar. O Luís Filipe veio com sete anos. Um dia talvez se dê conta da paciência que foi necessária para dar tempo às suas crises de revolta. O Rui Gomes chegou já com 12 anos. De «Nhonhinhos» o apelidaram. Evoluiu muito. Demos graças a Deus por estes filhos que nos foram dados! •

Padre Manuel Cristóvão

Queremos que O GAIATO seja um grande despertador

Parei na estrada em frente à cidade. Nesta manhã de fim-de-semana Coimbra custa a acordar! Já hoje andei muitos quilómetros. É fim-de-semana de venda do nosso Famoso.

A distribuição do jornal no Centro do País continua a ser grande tarefa de mensagem cristã. Queremos continuar a escrever como quem reza — assim nos recomendava Pai Américo. O GAIATO quer ser voz do Evangelho de Jesus Cristo em nossos dias.

Calou-me bem fundo na alma o desabafo daquele

Tribuna de Coimbra

assinante: «Deus e O GAIATO são a minha grande companhia. Deus fala-me de muitos filhos que ainda estão abandonados e O GAIATO fala-me de Deus e sua Família». Queremos que o jornal seja um grande despertador.

Ontem fui levar os distribuidores dos jornais a Mealhada e Anadia. Esperei que terminassem as aulas e arrancámos. Neste dia eles não querem saber do almoço. Querem é distribuir o jornal. Também ontem o João foi com a outra carrinha levar

outros à Beira Baixa. Partem sempre às cinco horas e regressam à hora do jantar. São dezasseis. Fica o primeiro em Figueiró dos Vinhos e os últimos na Covilhã. De perneio ficam em todas as terras maiores. Regressam sempre cheinhos de mimos e sacas cheias.

Hoje parti cedo em direcção a Tomar, onde deixei dois, e segui para Leiria. Andam três dias nestas duas cidades. Família muito amiga e a Comunidade Franciscana de Leiria tomam

contam deles. Sentem-se em família. Todos lhes querem bem.

A distribuição do Jornal

Na Baixa de Coimbra, para onde estou virado, anda um grupo deles: — Compre O GAIATO. Muitas pessoas, sim. Outras, passam de lado e vão à sua vida. Não param. Não escutam. Não entendem a voz do Senhor que procuramos O GAIATO seja. Logo, irão dois para a Figueira da Foz. Nos primeiros dias da semana para

Condeixa, Pombal, Cantanhede, Lousã e Miranda do Corvo. A distribuição do jornal é o prato do nosso pão. A maior receita para as nossas despesas vem daí. A última deu 650 contos.

Muitas pessoas me têm perguntado se fazem mal dar aos rapazes mais do que o preço do jornal. Digo a todos que eles entregam mais de gorjetas. A média anda pelos cinquenta escudos. No Centro do País passamos dez mil exemplares e a receita anda nos quinhentos contos. Nós procuramos confiar na

honestidade dos rapazes. Para a maior parte esta acção tem sido grande escola de formação.

Esta escola de formação depende muito dos Amigos. Cada um, em sua casa ou na rua, tem de sentir que é da família dos nossos gaiatos. Ajudá-los não só com mimos, mas com palavras e atitudes. Não teimar com guloseimas e chamá-los à atenção, se houver razões para isso. Pai Américo ao dar o nome Obra da Rua quis confiar a todos a formação dos nossos Rapazes. Eles são de todos — como a rua o é também. Quero ter uma palavra mais especial para aqueles que os recebem em suas casas e que mais olham por eles.

O nosso bem hajam.

Padre Horácio

Solidariedade

Tornou-se habitual e quase obrigatório, nesta altura, dar aos nossos Amigos uma visão, ainda que não global, do que chegou até nós pelo tempo natalício.

É o grande período da solidariedade!

Deus faz-Se homem para nos tornar seus Filhos e Irmãos uns dos outros. Ele é a única fonte inesgotável da Caridade! «O que fizeres ao mais pequenino (não ao grande) dos meus irmãos é a Mim que fazes!»

Das entidades oficiais nem um centavo!

Nós, que nos havíamos habituado, desde há 35 anos, a receber do Governo Civil de Setúbal uma ajudazinha pelo Natal, vimo-nos despojados dela após a revolução.

D. Irene Aleixo reatou a antiga tradição e acarinhounos de tal modo que julgámos o Governo Civil voltar ao cumprimento das suas obrigações. Enganámo-nos. No ano passado e neste passámos sem o eventual subsídio, mas desgosta-nos o alheamento que devemos registar.

Das Juntas de Freguesia, de onde temos tantos rapazes, vieram pequenos cartões de B.F., mas houve uma delas

que até mandou uma mensagem de carro, tudo à custa do erário público, trazer-nos as B.F. com um maço de pequenos calendários para distribuímos aos rapazes! Valha-nos Deus!

Eu quero aqui dizer que nós não temos categoria para receber nem para mandar boas festas a ninguém. Os pobres não têm capacidade, nem tempo para apreciar estas vazias manifestações de sentimentos, as quais obrigam as pessoas a gastar inutilmente dinheiro e tempo que devia ser consumido noutras necessidades.

Entretanto, a Câmara Municipal de Setúbal mandou agora trinta e cinco contos do «cabaz Natal».

Os *veillons* esgotaram-se em toda a parte. Os de Setúbal, em Tróia, não fizeram excepção, embora as entradas ultrapassassem as dezenas de contos.

Chegaram os simples e os humildes

A nós chegaram os simples, os humildes, os pobres,

os de coração puro. Os reformados, as viúvas, os idosos, os doentes e alguns ricos de boa vontade.

Os Trabalhadores da Portucel (núcleo de Setúbal) não desanimaram e voltaram com 213.743\$00. Os da Secil, empresa que nos tem dado grande parte do cimento para as nossas obras, ressuscitaram em entusiasmo novo, embora todos os anos nos tenham mandado o valor dos bolos-reis e vinho do Porto que a entidade patronal oferece aos operários que passam aquela noite a trabalhar e este ano trouxeram mais 113.000\$00. Muito me alegrou esta recordação.

Os do Centro Regional de Segurança Social de Setúbal não se esquecem. Fazem sempre uma quete pelo Natal e outra por alturas da nossa Festa no Luísa Todí.

Um grupo da E. D. P. juntou 11.500\$00 com bolos. Os da Internacional Vinhos de Azeitão, 200 contos mais um cabaz de Natal bem recheado. O Clube Desportivo do Alfeite terminou e deu-nos o mobiliário, uma mesa de

bilhar nova, mais 485.357\$. Trabalhadores da Inapa, 200 contos.

A freguesia do Seixal organizou a costurada peregrinação a este Santuário e trouxe muita roupa, donativos, pagamentos de assinaturas e muito carinho.

A D. Luísa com a campanha das meias e cuecas chegou ao meio milhar. Também o Rotary de Setúbal trouxe muitas meias novas e lenços para o nariz. De Mira d'Aire, pela mão da D. Alcina, camisolos, cobertas, toalhas e calçado. Da Edmar, de Leiria, 110 pares de botas de água.

O senhor da Tourada queixou-se do prejuízo causado pela mesma e deu, do seu bolso, trezentos contos. A Navigomes lembra-nos sempre e mandou igual quantia.

O Amigo, de Cascais, que ao longo do ano enviou, por mês, 15 sacos de farinha para o pão, remeteu um cheque de 900 contos, dele e dos seus amigos.

Da Alemanha, a D. Piedade trouxe, dela e dos amigos também, cinquenta contos. De Basileia, Suíça, M. O. Neto, 120 contos.

Da Califórnia, 3 contos. Das senhoras que novamente vêm coser a roupa à Casa e ao Lar, 10, 6, 5, 1, 25 e 60 contos. Dádivas de sangue e de amor de quem comunga da nossa vida e noz vê em verdade.

Da Quinta do Anjo, 30, mais 6, mais 10 e mais cinquenta e mais ainda duas ovelhas vivas. De Odivelas, dois grandes borregos do homem de branco. Duas caixas de bacalhau de procedências diferentes e dois sacos de arroz. As escolas do Alfeite marcaram presença com a habitual campanha. Assim se constrói o Reino de Deus!

«Óbolos de viúvas»

Vales e cheques de 500\$, mil, dois, três, quatro e cinco mil foram óbolos de «muitas viúvas», embora muitas e muitos tenham vivos os seus cônjuges.

Dez contos, da Adelina, de uma senhora rica que prometeu voltar com o marido, do Joaquim, do Manuel, da Maria do Rosário e da Maria de Oliveira e da Maria José.

O mesmo do José Pedro, mensalmente, da Maria de Lourdes, do António e do José. Idem do João, do Horta, da Margarida, da Beatriz, do Francisco, da Aurélia, da Fortunata a lembrar o marido, da Ofélia de Portimão, do Rogério, de uma promessa, da Nazaré, da Maria Adelaide, do Acácio, do Condessa, da Odete, da Isabel e da Carolina.

13.000\$00 dos alunos da Escola n.º 5 da Baixa da Banheira. Vinte e cinco contos da Missão Portuguesa de Hamburgo, dos nossos analistas e do Cândido. Quinze para a Ceia do Natal, do

Ramalhinho, Clemência, Maria Raquel e Aniceto. Vinte, da Maria Eduarda, do Pedro, Maria Helena, Maria Joaquina, do Alfredo, Maria de Sousa, Isabel, Fernanda da África do Sul, Maria Antónia, do Centro Pai-Nosso, da Rita de Cassia, da Maria Teresa e de um senhor que nos trouxe um menino do Seixal.

De mãos postas...

Um amigo que aparece, como diz, a tomar uma lufada de ar fresco, deixou 120 contos.

Quarenta, da D. Irisalda. Trinta, da Maria Nascimento e da Delfina.

Cinquenta, da Golegã, de um anónimo, do Luís, de um vizinho nosso, do Monchique, Maria Emília, de Reguengos de Monsaraz, com mimos para o Luís Ramalho e para os mais pequenos, do

António e para o terreno dos rapazes. Sessenta, de Almada. Cem para compra da casa dos rapazes, do Montijo, de Azeitão, de Águas de Moura, da Júlia, da Soresal e da Portucel de Setúbal; de Ceiras, cento e cinquenta da Maria Helena. Duzentos, do João António, de um catedrático que raparte muitas vezes, de um amigo, de Setúbal; e de outro, de Aveiro.

Quinhentos, de uma senhora que, há longos anos, acompanha maternalmente a Obra e nos veio comer o almoço. Os bolos-reis não foram tantos como o ano passado mas chegaram para as festas!

Os antigos gaiatos também marcaram presença. Não os que vivem melhor mas os que têm o coração mais largo e a consciência mais apurada. Com cinquenta contos, 10, 7, 5 e um. As suas partilhas são as de sabor mais rico. Uma caixa de bacalhau foi presente de um gaiato.

De mãos postas e coração cheio sinto-me indigno de viver neste topo onde Deus se manifesta.

Padre Acílio

PARTILHA

Convite ao recolhimento

Hoje foi domingo. Festa do Baptismo do Senhor. À hora em que escrevo, já tocou para o Terço, a nossa oração mais familiar. É noite. Foi um dia em que nos levantámos mais tarde, como é costume. Tomámos o café e, logo a seguir, a celebração da Missa.

Ao princípio, explico aos rapazes que mudámos de mesa. Passámos da mesa do pão material — que o Ramalho e o Hélder ontem coseram — para a mesa do pão espiritual que o Pai do Céu nos oferece. Digo que uma e outra são indispensáveis para a nossa vida. Concretizo: quando um rapaz se enoja é porque está doente. Precisa de ser tratado, que as duas são fontes de alegria, concluo.

Depois, entro no mistério que a minha boca pecadora irá proclamar e minhas mãos de homem fraco irão abençoar. Sinto dificuldade em explicar a transcendência de gestos e das palavras: «Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O».

O Sidónio foi ler a primeira vez. Tímido, perante os olhos arregalados da «malta», saíu-se bem.

Enquanto o mistério se desenrola, chamo ao silêncio e convidado ao recolhimento. Alguns «estão na lua», como se diz cá em Casa.

De vez em quando «saio» e perco-me na alma do «outro» mistério, o das vidas que tenho à minha frente. Olho para o Marco, o «Ratazana». Vejo-o na pedincha às portas do Ibérico, para si e mais três irmãos que cá temos. Sei que, à noite, vai dormir algures, debaixo de uma ponte e que por dentro de mim me segreda: «Quando o comboio passava a gente ficava tão quentinho!...» Ainda me soa aos ouvidos o que disse para quem quis ouvir: «Antes de nascer do meu pai, a minha mãe tinha tido um homem; depois de me abandonar, teve mais dois». Poiso os olhos no Vinagre e recorro a mesma história. Multiplico esta, por outros mais. Olhos nos olhos de alguns, rumino e medito a sua história de sofrimento e revolta, que é também minha. Vejo também sinais de Ressurreição. Por fim, volto ao mistério. Rezo e prometo amassar a vida com Cristo na vida deles.

Confiança e responsabilidade

A seguir à Missa passei pelo refeitório: limpezas. Tudo mais limpinho... Hoje é domingo! Na cozinha, pontifica o «Caixeirinho» e o «Alentejano». Todos de avental. São os cozinheiros do dia. Um ror deles, de um lado para o outro, preparam o que falta nas mesas: o nosso pão, as nossas laranjas e o nosso vinho. Tudo bem arranjado. Rente às 13 horas toca para a mesa. Um mar de rapazes. À voz do chefe todos se calam e rezamos: «Bendito sejas Senhor por esta comida para melhor vos servirmos toda a vida». Depois, sentamos; muito barulho, muita alegria. O refeitório está cheio. São 150 bocas descontraindas à volta das sardinhas que nos deram na lota. Sempre com muito carinho, como se fôssemos o melhor cliente. «É p'ra Casa do Gaiato». O chefe do dia é o «Bincai». De um lado para o outro procura estar atento. Dezoito anos; anos difíceis... Eu, no meu lugar, ruminando o pensamento de Pai Américo...: «de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes...» Aqui a perfeição do que, por vezes, pode parecer imperfeito aos olhos de quem não nos conhece. Aqui a resposta à pergunta apreensiva: «Como é que só dois padres dão a volta a isto?» Confiança nos rapazes. Responsabilidade. Em certas coisas, o meu melhor fica aquém do jeito que dá o rapaz. É a experiência. Há dez dias que me baloço, só, nesta barca. Padre Acílio está em repouso, que bem o merece. Meço a tensão e sinto-me satisfeito. Às vezes não é fácil. Nem para mim nem para eles. As minhas dificuldades e as deles são a nossa vida. Confiança e responsabilidade.

À tarde, jogavam o Vitória e o Benfica. Cá em Casa é quase tudo do «e pluribus unum», mas ninguém me pediu... Outros projectos? Estranhei! Depois, a tarde deslizou por entre bicicletas e matraquilhos. A Televisão é rainha nas casas. Os programas, às vezes, sem grande interesse nem jeito. Por fim, alguns arranhões e questões a resolver. Tudo bem! Era noite quando me lembrei do telefonema do Júlio Mendes: «Dê uma volta pela quinta e escreva». Resolvi dá-la pela vida deste dia e contar-te estes segredos da nossa vida. Tudo tão pequenino e tão elevado.

Padre João

ECOS D'ÁFRICA

O garoto da rua é um grave problema social

Continuação da página 1

Angola e Moçambique não são terras estranhas à nossa História

Sim, Angola e Moçambique não são terras estranhas à nossa História, o que é um valor a ter em conta. São parte da família portuguesa e, nesta base, merecem atenção particular.

«Li em O GAIATO a notícia sobre o renascer da Obra da Rua em África. Considerei que o mínimo que poderia fazer era dar uma pequena ajuda monetária. Mas o mais proveitoso para mim, talvez tenha sido o lembrar-me, durante este tempo, da obrigação de ajudar o próximo, longínquo ou mais perto, amigo ou eventual adversário, com uma acção, uma palavra ou até algum dinheiro. A caridade e a doação continuam a ser o primeiro passo do longo percurso de pôr Deus em primeiro lugar na vida de cada um de nós». O GAIATO é o púlpito onde sai a doutrina feita experiência de vida com a força de arrastamento de quem é testemunha. Outro sacerdote não se contém e abre o seu coração: «Com este cheque venho ajudar o estabelecimento da Obra da Rua em África». Mais: «A

Obra da Rua está a regressar a terras de África; por esse motivo muitos rejubilam e venho partilhar com todos os que, de olhos postos no Senhor, vão ajudar a erguer novamente as Casas do Gaiato».

Precisamos de sinais

Precisamos de sinais para nos orientarmos na vida. Se isto acontece com as pessoas, as Instituições também necessitam de sinais para não se perderem e avaliarem até que ponto estão no seu caminho. Nesta hora da Obra da Rua um dos sinais mais fortes é, sem dúvida, a presença de muitos amigos que, desde o princípio acompanham, estimulam e ajudam: «Com muito amor envio algumas migalhas para a vossa grande presença em África». Outra: «Gostaria que, desta vez, a minha migalha fosse dividida pelas vossas Casas de Angola e Moçambique. Teria assim uma telha em cada uma delas». É possível. «Quando O GAIATO chega, vou logo direitinho às notícias de África e sinto uma enorme alegria ao lê-las da Casa do Gaiato de Benguela que eu vi nascer e da Casa do Gaiato de Malanje para qual o Padre Telmo me convidou...»

Padre Manuel António



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 4239